

**ARTE FÁCIL: A PALAVRA SOB OS PÉS E O COTIDIANO URBANO COMO
DISPOSITIVO POÉTICO**

***EASY ART: THE WORD UNDERFOOT AND THE URBAN DAILY LIFE AS A POETIC
DEVICE***

Thalita Amorim Corrêa Garcias¹
PPG-Artes/UFMG
Associado/a/e ANPAP: não

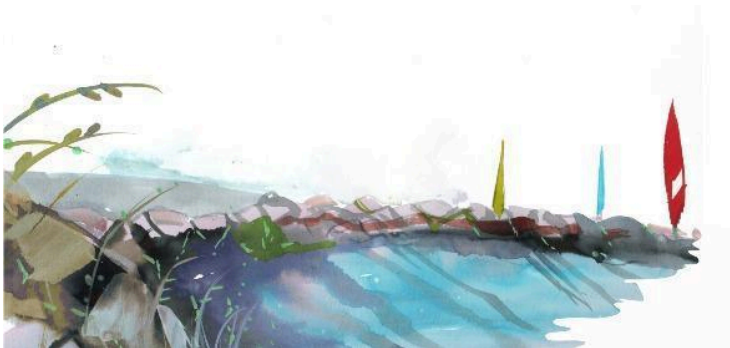
Resumo: A obra ARTE FÁCIL propõe uma reflexão crítica sobre a produção artística contemporânea, a partir de uma série fotográfica composta por tampas de esgoto que destacam a marca cujo nome dá título ao trabalho. A série tensiona os limites entre arte e cotidiano, impureza e valor estético, por meio de procedimentos como o deslocamento semântico, o uso da palavra como imagem e a apropriação duchampiana do objeto ordinário como elemento poético e provocador.

Palavras-chave: Palavra-imagem. Crítica institucional. Fotografia. Arte e cidade.

Abstract: *The work ARTE FÁCIL proposes a critical reflection on contemporary artistic production through a photographic series composed of manhole covers that highlight the brand whose name gives the work its title. The series strains the boundaries between art and everyday life, impurity and aesthetic value, by employing strategies such as semantic displacement, the use of the word as image, and a Duchampian appropriation of the ordinary object as a poetic and provocative element.*

Keywords: *Drawing. Institutional critique. Art education. Photoperformance.*

¹ Artista-pesquisadora, produtora cultural e discente no Programa de Pós-Graduação em Artes na Universidade Federal de Minas Gerais, na linha de pesquisa de Artes Visuais. Bacharel em Artes Visuais com habilitação em Desenho na EBA-UFMG. Sua pesquisa artística atual possui como foco a crítica institucional, transitando entre diversas linguagens, como a instalação, a performance e a fotografia e a intervenção urbana. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5618094432161819>.



ARTEFÁCIL, artefácil, arte fácil. A junção dessas duas palavras revela-se para mim, enquanto artista-pesquisadora, como um paradoxo irônico, um disparate que beira o cômico. Afinal, produzir arte no Brasil de hoje é uma tarefa que pode envolver diversos desafios e características, mas dificilmente poderia ser descrita como fácil. É justamente dessa dissonância conceitual que se origina a obra ARTE FÁCIL, uma série fotográfica composta por tampas de esgoto que estampam a marca cujo nome dá título ao trabalho.

O cotidiano urbano é marcado por um excesso de informações visuais que, muitas vezes, contribui para a invisibilização de seus próprios elementos constituintes. No entanto, é nos detalhes mais sutis que pode residir um campo fértil para a produção artística. Essa perspectiva orienta a elaboração dessa série, que surge de um exercício de atenção à rua, especialmente influenciado por um olhar já habituado a trabalhar com a palavra como elemento gráfico e imagético. Assim, capturo quase cinquenta imagens, uma coleção de tampas de bueiros que, com sua inscrição “ARTEFÁCIL”, parecem me encarar, como um trabalho pronto, pedindo para acontecer.

A ideia de que a obra “acontece”, nesse contexto, não implica a negação da autoria ou da minha agência criativa enquanto artista, mas reflete um método intencional que opera por deslocamentos e apropriações de elementos já existentes. Trata-se de uma prática que consiste em reconhecer, no que já está dado à minha volta, potenciais poéticos capazes de serem reconfigurados sob uma perspectiva estética. Nesse sentido, é relevante ressaltar a escolha da fotografia para coletar as imagens desses objetos, reforçando esse vínculo com a materialidade do cotidiano e preservando sua integridade visual com mínimas intervenções — neste caso, a conversão das imagens para escala de cinza, com o intuito de conferir maior uniformidade à série e destacar aspectos composicionais, como o ritmo, a repetição modular e a potência da palavra.

Quão sarcástico seria relacionar a arte a elementos tradicionalmente associados ao que há de mais impuro e descartável na nossa sociedade: o esgoto, o bueiro, o ralo, o que está abaixo dos pés e para onde não queremos olhar? Trata-se de uma operação simbólica que tensiona as fronteiras entre o elevado e o ordinário, entre o que é considerado digno de contemplação estética e aquilo que é sistematicamente ignorado ou rejeitado. Em diálogo com esse pensamento, Marcel Duchamp perpassa o trabalho, com a inevitável associação à emblemática Fonte (1917), na qual o artista adquire um urinol de porcelana em uma loja de materiais de encanamento e leva para o espaço expositivo, instaurando o *readymade* e reconfigurando os critérios de legitimação artística. Em um movimento semelhante, este trabalho propõe um comentário crítico sobre o sistema da arte, subvertendo seus códigos de valor em uma tentativa de aproximação entre arte e cotidiano, conectando-a ao que está do lado de fora do cubo branco.



Imagem 1. Thalita Amorim, Sem título, da série Arte Fácil. Fotografia, dimensões variáveis.
Belo Horizonte, 2023.



Imagem 2. Thalita Amorim, Sem título, da série Arte Fácil. Fotografia, dimensões variáveis.
Belo Horizonte, 2023.



Imagem 3. Thalita Amorim, Sem título, da série Arte Fácil. Fotografia, dimensões variáveis.
Belo Horizonte, 2023.



Imagem 4. Thalita Amorim, Sem título, da série Arte Fácil. Fotografia, dimensões variáveis.
Belo Horizonte, 2023.



Imagem 5. Thalita Amorim, Sem título, da série Arte Fácil. Fotografia, dimensões variáveis.
Belo Horizonte, 2023.



Imagem 6. Thalita Amorim, Sem título, da série Arte Fácil. Fotografia, dimensões variáveis.
Belo Horizonte, 2023.



Imagem 7. Thalita Amorim, Sem título, da série Arte Fácil. Fotografia, dimensões variáveis.
Belo Horizonte, 2023.



Imagem 8. Thalita Amorim, Sem título, da série Arte Fácil. Fotografia, dimensões variáveis.
Belo Horizonte, 2023.



Imagem 9. Thalita Amorim, Sem título, da série Arte Fácil. Fotografia, dimensões variáveis. Belo Horizonte, 2023.

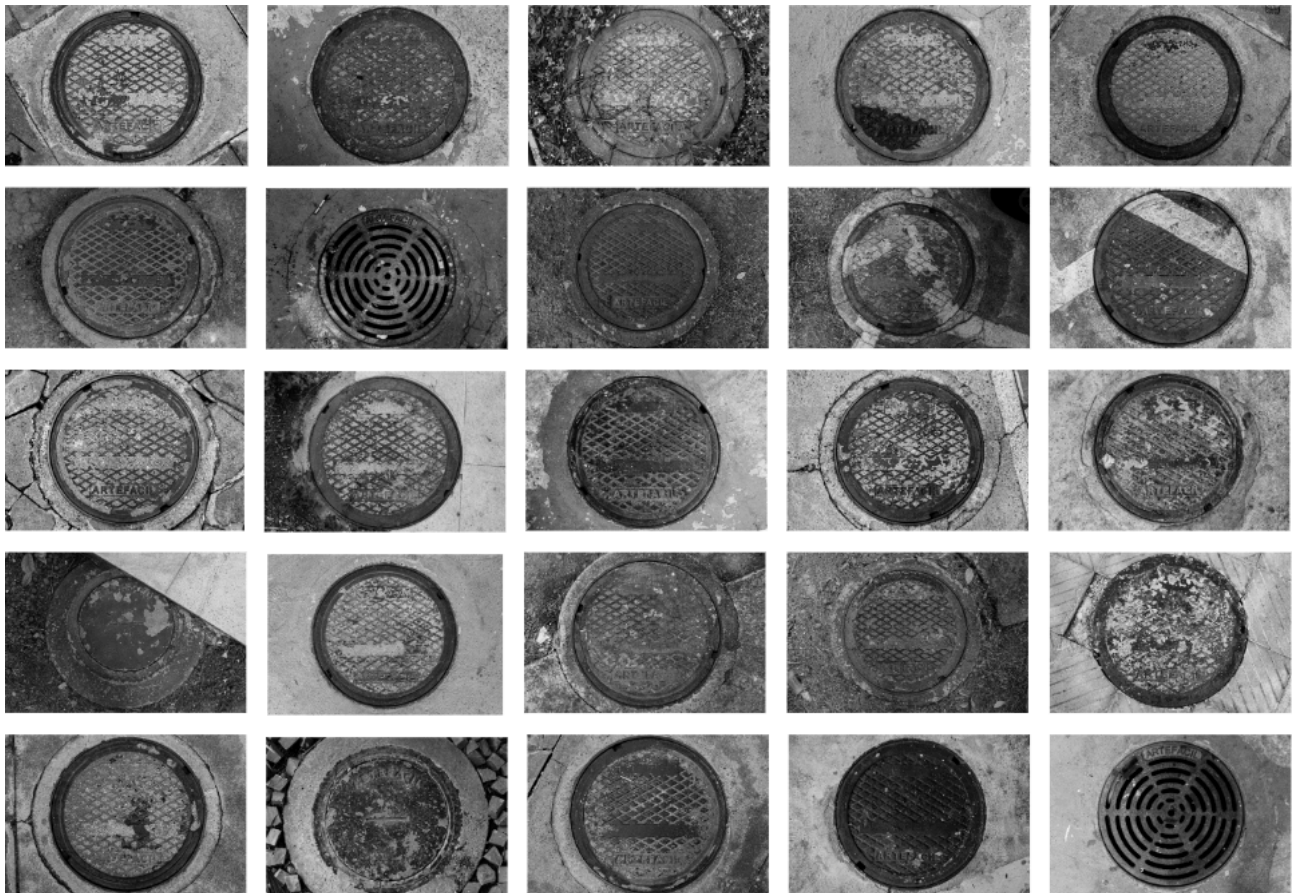


Imagem 10. Thalita Amorim, Proposta de grid de montagem da série Arte Fácil. Fotografia, dimensões variáveis. Belo Horizonte, 2023.